



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O MUSEU ARQUEOLÓGICO.

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira

Ano: 1907 | Número: 24

Como citar este documento:

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira, O Museu Arqueológico. *Revista de Guimarães*, 24 (2) Abr.-Jun. 1907, p. 79-86.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O MUSEU ARCHEOLOGICO

No dia 9 de março findo foi inaugurada no museu da Sociedade uma secção especial denominada *Albano Bellino*, constituída pelos preciosos monumentos, que este nosso saudoso consocio havia reunido nas suas excursões e explorações archeologicas e com que projectava formar o inicio d'um museu em Braga, tentativa que, por contrariedades diversas, já-mais pôde realisar.

Feliz contrariedade da qual resultou que estes objectos, que, além de quatorze inscripções luso-romanas, abrangem especimens de ceramica, de pedra, etc., das antigas eras, vieram enriquecer o museu da Sociedade Martins Sarmiento por generosa cedencia de sua exc.^{ma} viuva, que á sua terra natal quiz, por tal modo, patentear o seu affecto. Eis a indicação summaria do que constitue esta secção:

Lapides epigraphicas

1.^a — Dedicada a Jupiter. Encontrada em Braga e referida no volume de Bellino *Inscripções romanas*, pag. vii, e por Hübner, *Ephemeris epigraphica*, vol. viii, pag. 401, n.º 114.

A leitura da terceira e ultima linha d'esta inscripção é para mim LANO e não LVND, como leu Bellino e communicou a Hübner. A segunda letra é um A, cujo primeiro traço foi gravado só até meio, do que ha exemplos em outras inscripções, e a ultima um O a que o lapicida não deu a precisa curvatura e que, por isso, enganou o achador e ledor.

A pedra está partida no principio d'esta linha, faltando-lhe um espaço onde cabiam V S e assim ter-se-ha: (votum solvit) L(ibens) AN(im) O.

2.^a — Dedicada a? Encontrada em Monte Redondo e referida in *Ephem. epig.*, ix-101, n.º 267.

3.^a — Dedicada a Camalo, sacerdote de Roma. Encontrada na freguezia de Dume. Veja-se: *Inscrip. rom.*, pag. LV; *Archeologo port.*, ix-101; *Corpus*, II, n.º 2:426.

4.^a — Dedicada a Valentiniano e Valente, tendo restos d'uma primitiva inscripção dedicada a Tiberio. Milliaro encontrado em Panoias. Veja-se: *Novas inscrip. rom.* pag. 47; *Ephem. epig.*, VIII-511, n.º 294.

5.^a — Dedicada a Valentiniano e Valente. Encontrada em Braga. *Archeol. port.*, x-119.

6.^a — Dedicada a Constante e a Constancio a inscripção mais antiga e a Valentiniano a posterior. Encontrada em Braga. *Novas inscrip.*, pag. 19 e 24; *Ephem. epig.*, VIII-459, n.º 213-a.

7.^a — Dedicada a Octavio Augusto. Encontrada em Seme-lhe. *Novas inscrip.*, pag. 5; *Ephem. epig.*, VIII-504, n.º 280.

8.^a — Dedicada a Tiberio. Encontrada em Panoias. *Novas inscrip.*, pag. 45; *Ephem. epig.*, VIII-458, n.º 210-a.

9.^a — Dedicada a Marco Aurelio e seu filho Commodo. Encontrada em Braga. *Archeol. port.*, x-119.

10.^a — Lapide sepulchral erigida á memoria de Vibia. Encontrada em Braga. *Inscrip. rom.*, pag. XLIII; *Ephem. epig.*, VIII-406, n.º 124.

11.^a — Idem, á memoria de Materna. Encontrada em Braga. *Inscrip. rom.*, pag. XXXVII; *Ephem. epig.*, VIII-405, n.º 122.

12.^a — Idem, á memoria de Aticia. Encontrada em Braga. *Novas inscrip.*, pag. 37; *Ephem. epig.*, VIII-505, n.º 281.

13.^a — Idem, á memoria de Sullia. Encontrada em Braga. *Inscrip. rom.*, pag. XLI; *Ephem. epig.*, VIII-406, n.º 123.

14.^a — Idem, á memoria de Albura. Encontrada em Braga. *Inscrip. rom.*, pag. XLVI; *Ephem. epig.*, VIII-404, n.º 118.

Objectos diversos

Das explorações a que Bellino procedeu em Monte Redondo encontram-se quatro pedras ornamentadas, cujos desenhos são semelhantes aos de idênticas pedras encontradas na

Citania, existentes no museu e de que se falla e apresentam gravuras a pag. 14 do volume XXI e 116 do volume XXII d'esta *Revista*.

Mais: uma pedra com argola igual a algumas da Citania, que poderia servir para prender animaes, como conjectura F. Sarmento; — dois pequenos machados de pedra; — duas mós e fragmentos d'outras; — restos de ceramica (vasilhas) e de tijolo.

Outras localidades se acham representadas n'esta secção, especialmente com restos de ceramica, tijolo (calleiros, telhas), argamassa, etc., a saber, Braga, Semelhe, Citania, Guardisella, S. Paio de Vizella, e quiçá outras que ignoramos. Existem tambem dois machados de pedra procedentes de Torres Novas, e finalmente uma especie d'espátula de ferro, cuja procedencia e applicação ignoramos.

De épocas historicas existem restos d'azulejos arabes, cinco capiteis n'um dos quaes se lê: *Jorge de Baros 1534*, se não estamos em erro quanto ao ultimo algarismo, uma gargula, em baixo relevo a imagem d'um bispo, em alto relevo um cavalleiro e de pedra branca uma imagem de S. Sebastião que é curiosa pelos calções ou cuecas de que está vestido, e finalmente a lapide sepulchral d'um individuo fallecido em 1577 em tempo de peste, como diz a inscripção que Bellino deixou transcripta nas *Inscripções e lettreiros*, pag. 142.

*

* *

Inscripção inédita

A collecção da Sociedade foi enriquecida com uma lapide votiva, depositada no museu no dia 23 de fevereiro pela junta de parochia da freguezia de S. Martinho de Campo, concelho de Santo Thyrso, a quem é dever nosso testemunhar aqui publicamente o devido reconhecimento pela boa vontade com que a illustre collectividade se promptificou a pôr ao alcance dos estudiosos um novo e desconhecido exemplar da epigraphia romana da península.

Encontrada nos principios de janeiro pelo digno vice-presidente da direcção, dr. Pedro Guimarães, a formar parte de um rego conductor d'aguas para o passal da igreja e junto ao portal exterior da residencia parochial, foi por mim inspec-

cionada *in loco* no dia 1 de fevereiro, colhendo então a vaga informação de ter sido antes aproveitada como suporte da pia baptismal da igreja e retirada quando a velha pia foi substituída pela actual no tempo do ultimo parochio collado.

Mede $0,60 \times 0,22$ e $0,25$ na cornija. As letras $0,05$.

A sua leitura, apesar de bastante obliterados em parte os caracteres, creio ser:

FVSCIN
VS FVSCI
D·D·A
FAToNII

Na face lateral: M·L·A·P·

As letras FV da primeira e segunda linha e FA da quarta estão ligadas; o C da segunda sómente se deixa vêr na curvatura da sua parte inferior e o I da mesma sómente na parte superior. As falhas da pedra fizeram desapparecer o complemento d'estes caracteres, mas não deve offerecer duvida a restituição que fazemos. *Fuscinus* e *Fuscus* são cognomes bem conhecidos na epigraphia peninsular. Hübner dá até um exemplar d'um *Fuscino* filho de Fusco como este que hoje nos apparece. *Corpus*, II, n.º 779.

Os caracteres da terceira linha não offerecem duvidas. A difficuldade está na ultima linha; a leitura que damos não nos deixa inteiramente tranquilllos. A terceira e quarta letras são sobretudo as de maior duvida. O traço horisontal da parte superior do T não é completo e demais um outro na parte inferior, que vae ligar com o caracter que supomos o minusculo, agrava a difficuldade. *Afatone* (os dois II = E são conhecidos) será o nome da divindade a quem foi dedicado o monumento? Se assim é, o achado d'esta lapide tem ainda mais alta importancia por nos trazer o nome d'uma divindade até hoje desconhecida á qual os nossos antepassados tributaram culto.

Na face lateral é a conhecida clausula indicativa da boa vontade com que o offerente satisfez o seu compromisso de piedade.

O nosso amigo dr. José Leite de Vasconcellos, a quem enviei uma photographia, não conseguiu adiantar a leitura; reserva-se para uma inspecção directa á lapide, que desejamos não se faça demorar.

Em conclusão, teremos pois: Fuscinus Fusc(i) filius d(onum) d(edit) Afatone. M(erito) L(ibens) a(nimo) p(osuit).



Villa Mendes (APULIA)

No mez de março findo deram entrada no museu diversos fragmentos de tijolo e restos de vasilhas, um osso e um alfinete de cobre, semelhante aos apparecidos na Citania (*Revista de Guim.*, xx-60), encontrados em uma exploração a que se procedeu no verão do anno ultimo nas proximidades da praia d'Apulia.

O offerente d'estes restos archeologicos foi o nosso velho amigo, contemporaneo dos saudosos tempos escolares, Antonio Martins Lima, distincto medico de Barcellos, a quem nos dirigimos solicitando informações sobre a exploração, as quaes amavelmente nos foram prestadas em uma carta que, com a devida auctorisação, em seguida transcrevemos. Não tivemos coragem de substituir pela nossa prosa as palavras do nosso amigo em que a par de minuciosas noticias se patenteia o affecto que vota á sua querida Apulia.

«Ahi vae o que se me offerece dizer em resposta á tua estimada carta de 13.

Por uma formosissima manhã de agosto do anno passado (1906) conversava eu na ridente praia d'Apulia com o negociante de Barcellos, snr. Manoel Antonio da Silva Junior, quando, depois de divagarmos sobre assumptos varios, me disse elle que no pinhal a sudeste do ponto em que nos encontravamos, cerca de dois a tres kilometros, tinham ultimamente apparecido muitos tijolos indicativos de povoação antiga. Que andando uns trabalhadores a derrubar pinheiros, quando tentavam arrancar-lhe as raizes apparecera uma grande quantidade de cacos que alguem attribuia ao tempo dos romanos. Como me interessasse muito a narrativa e porque o Silva Junior seja nativo d'Apulia, insisti para que me contasse tudo o que sabia em relação ao facto. Disse-me elle então que era notorio apparecerem tijolos dos tempos remotos não só no ponto referido, mas em outras bouças d'esse pinhal, situado no lugar de Mendes e que alguns assignalaram de villa Mendes, por se dizer que fôra ahi que existiu uma povoação de pescadores romanos. Que constava foram esses pescadores que deram o nome d'Apulia á freguezia (pois Mendes é um lu-

gar da mesma) pela semelhança que esta região lhes dava da sua saudosa Itália. Que essa povoação villa Mendes, por virtude do movimento das areias e assoreamento do seu porto foi perdendo a facilidade de communicações com o mar, levando os seus habitantes a dirigirem-se então para o sul, onde deram origem á Povia de Varzim.

Como de nada mais me informasse o amigo snr. Silva Junior, procurei tempo depois o rev. Prior d'Apulia, padre Bernardino dos Santos Portella, para me indicar de quem eu poderia obter licença a fim de mandar fazer algumas escavações no sitio. N'essa occasião, o rev. Prior, com a extrema obsequiosidade que o caracteriza, corroborou os informes do Silva Junior, accrescentando que o nome de Mendes só apparecia nos assentos de um prior que parochiava nos principios do seculo xix.

Para satisfazer o meu desejo de mandar explorar o local onde appareciam os objectos antigos, indicou-me o nome do capitão de marinha mercante, snr. Hypolito (Antonio da Graça), pessoa com quem mantenho boas relações ha muitos annos, pois que esse terreno pertencia a um seu parente. Eis-aqui o principio e o motivo das nossas ligeiras investigações, que foram narradas pelo correspondente d'Apulia para a *Folha da Manhã*, de Barcellos, da seguinte maneira, em o numero de 16 de agosto de 1906: « Foi elle (Silva Junior) que indicou ao snr. dr. Martins Lima a existencia de uma villa antiga chamada « Mendes » soterrada a leste ¹ da Apulia, escondida n'um vastissimo pinhal. O snr. Martins Lima promoveu logo a constituição d'um grupo explorador da romaica, goda, phenicia ou visigoda (sabemos lá o que é) povoação, composto dos snrs. Martins Lima, alferes Barbeitos, João C. Coelho da Cruz, Juca Velloso, Antonio M. Lima e este creado de v. exc.^{as}, que logo partiram em demanda da velha e invisivel povoação. Chegados ao pinhal a exploração subdividiu-se, sendo o grupo dirigido pelo alferes Barbeitos quem primeiro descobriu vestigios da velha villa de Mendes, depois de um caminho errante e fadigoso. Colheram-se varios tijolos e vae-se proceder a uma nova tentativa, a fim de descobrir mais exemplares comprovativos da descoberta. »

O mesmo correspondente da *Folha da Manhã*, A. L. (Albino Leite) escrevia depois no jornal de 30 de agosto: « A

¹ Sudeste da praia de banhos.

villa Mendes que outr'ora devia elevar-se donairoza a sudeste d'esta praia, mas que o movimento do mar sepultou em montões de areia, recuando mais tarde cerca de meia legua, teve, na quarta-feira ultima, a visita d'um numeroso grupo explorador que em demanda de maiores descobertas ahi acampou por algumas horas.

Eram onze horas da manhã quando o grupo, composto de um medico, um padre, o exc.^{mo} conego Sousa, tres senhoras, diversos trabalhadores com enxadas, pás e picaretas, e ainda uns vinte curiosos, seguiu praia fóra tomando a direcção do espesso pinhal cortado por um caprichoso regato orlado de salgueiros, amieiros e carvalhos, formando, aqui e além, ilhotas verdejantes d'uma relva fresca e aromatica. Pelos recortes de areia já agricultada na parte marginal ao regato, já coberta de pinheiros corpulentos, alguns, nota-se ainda claramente os vestigios d'uma antiga praia mais ou menos populosa e movimentada. O grupo expedicionario, logo que chegou ao local — reconhecido já por uma cova aberta quando se arrancou um pinheiro, e onde foram notados os primeiros indicios de construcção antiga — principiou desde logo os trabalhos de investigação, profundando-se a cova e fazendo-se desaterro que durou tres horas. Á profundidade de 2^m,50 principiam a apparecer grande quantidade de tijolos largos de cerca de 30 centimetros e entre uma cacaria de louça, foi encontrado um alfinete que parece ser de cobre e que tem o comprimento approximado de 12 centimetros. Passava já das tres e meia da tarde quando se deram por findos os trabalhos... etc.» Seguem-se episodios sem importancia. Aproveitei estas correspondencias pelas suas informações locais, mais ou menos approximadas, e que agora me seria difficil reconstituir de memoria.

Pensando um pouco n'isto tudo, a minha opinião, que aliás nenhuma auctoridade tem na materia, é que o nome de Mendes foi dado ao lugar modernamente e que esse porto de pescadores, cujas ruinas se encontram sepultadas nas areias, era propriamente a romana povoação da Apulia, nome que recordava aos seus moradores a sua querida patria do Adriatico. A actual Apulia, praia de banhos, conheci-a eu na minha infancia reduzida a meia duzia de casas terreas, de architectura quasi primitiva e com outros tantos moinhos de vento erectos sobre montes de areia. Chama-se Apulia velha á parte da freguezia a um kilometro do mar e onde jaz a igreja parochial, mas que não tem feição muito antiga.

Consultando agora o *Minho Pittoresco*, do meu saudoso amigo e condiscipulo José Augusto Vieira, parece-me que reforça a minha opinião quando diz: *a primitiva matriz da Apulia foi submergida pelas areias, sendo relativamente moderna a construcção da actual.*

Ia-me esquecendo dizer que a praia do mar, correspondente á povoação historica, apresenta um largo areal muito plano, ladeado de montes arenosos, que devia ser o leito do antigo porto.

Na passada quinta-feira 16, como encontrasse aqui no mercado semanal o rev. Prior da Apulia, prometteu-me elle remetter por toda a presente semana quaesquer esclarecimentos relativos ao assumpto. Apenas cheguem, envial-os-hei.

Muito estimarei que os benemeritos e auctorizados membros da Sociedade Martins Sarmento, que é uma das mais legitimas glorias de Guimarães, se interessem com o desejado e embryonario artigo do Abbade de Tagilde, . . . e quando em *villegiatura* de estio se não esqueçam de procurar este recanto da provincia onde a natureza garridamente enfeitada lhes proporcionará por ventura agradaveis momentos de estudo. »

Realmente as immedições d'Apulia estão a exigir a continuação das explorações que, em uma primeira tentativa, produziram tão interessantes resultados.

Tagilde, 1907.

O ABBADE OLIVEIRA GUIMARÃES.